

## **Estudos Urbanos**

Mestrado de Gestão Cultural

### **Práticas culturais na cidade:**

Reflexões em torno da *patrimonilização* e da cidade *resiliente*



**excertos e materiais para discussão**

Teresa Fradique | 2022-2023

**esad.cr**



Imagem da capa e acima: frames do filme *Palimpsest of the Africa Museum | Palimpseste du Musée d'Afrique* | Matthias De Groof | 2019 • BÉLGICA • 69'. Teaser: <<https://vimeo.com/135754162>>

## Theorizing Heritage [1995]<sup>1</sup>

Barbara Kirshenblatt-Gimblett

O meu objetivo [neste texto] é regressar à **questão da tradição** - não em defesa do tema canônico do folclore, mas sim tomar as "percepções enganosas" [*misperceptions*] populares do folclore como indicativas das verdades do património, tal como emergem da prática contemporânea. **Neste contexto, considero património enquanto a transvalorização do obsoleto, do equivocado, do antiquado, do morto e do defunto.** O património é **criado através de um processo de exibição** (como conhecimento, como performance, como exposição de museu). A **exibição confere uma segunda vida** ao património concebido enquanto tal.

O meu argumento é assim construído em torno de cinco proposições:

- (1) O património é um **modo de produção cultural no presente que recorre ao passado;**
- (2) O património é uma **indústria de "valor agregado";**
- (3) O património **produz o local para exportação;**
- (4) Uma marca distintiva do património é a **relação problemática dos seus objetos com seus instrumentos;**
- (5) Uma chave para entender o património é sua **virtualidade**, seja na presença ou ausência de atualidades [actualities]. (369)

**O património é um modo de produção cultural no presente que recorre ao passado**

O património **não é perdido e encontrado, roubado e recuperado.** Apesar do discurso que convoca em torno de noções de conservação, preservação, restauro, reclamação, recuperação, recriação, revitalização e regeneração, **o património produz algo novo no presente, recorrendo ao passado.** Tal linguagem sugere que o património existe antes de sua identificação, avaliação, conservação e celebração. (...)

Alternativamente, gostaria de enfatizar que o património não é perdido e encontrado, roubado e recuperado. É um **modo de produção cultural no presente que recorre ao passado.** (...) O património não apenas confere a edifícios, recintos e modos de vida que, por um motivo ou por outro, já não são viáveis, **uma segunda vida enquanto exposições de si mesmos, também produz algo novo.** (...) [Assim,] a indústria do património é um **novo modo de produção cultural que protege o que deixou de ser sustentável.** O processo de proteção, de "agregar valor", **fala no e para o presente,** mesmo que o faça em termos do passado.

**O Património é uma indústria de "valor agregado"**

O património agrega valor aos recursos existentes, mas que não são mais viáveis (...). As **organizações do património garantem assim que os lugares** e as práticas em perigo de

<sup>1</sup> Tradução livre para trabalho em aula. Citar sempre o original e não esta versão.

desaparecer, por não estarem mais ocupados ou a funcionar, ou por não serem já valorizados, **sobreviverão**. E isso é feito **agregando o valor** do passado, da exibição, da diferença e, quando possível, da indigeneidade.

#### O valor do passado

Graças à indústria do património, "**o passado é um país estrangeiro**" (Hartley 1953). Interfaces como **vilas históricas e reconstituições são como máquinas do tempo**, um termo cunhado por H. G. Wells na sua obra de ficção científica de 1895, *The Time Machine*. *They transport tourists from a now that signifies hereness, to a then that signifies thereeness. The attribution of pastness creates distance that can be traveled.* (370) (...)

#### O valor da exibição

**Turismo e património são indústrias colaborativas**, o património convertendo locais em destinos e o turismo tornando-os economicamente viáveis enquanto exposições de si mesmos. **Os lugares tornam-se museus de si mesmos dentro da economia do turismo**. Uma vez que locais, edifícios, objetos, tecnologias ou modos de vida não são mais sustentáveis, como foram em tempos, **eles sobrevivem** - tornaram-se economicamente viáveis - **enquanto representações de si mesmos**. Os **espaços patrimoniais encenam o seu próprio renascimento como exposições do que um dia foram**, às vezes isso acontece mesmo quando o "corpo" ainda não teve tempo de "arrefecer". (317)

#### O valor da diferença

Não é do interesse de destinos remotos que alguém chegue a um lugar e que este seja **indistinguível daquele que se deixou ou que seja idêntico a milhares de outros destinos** (...). A "uniformidade" é um problema que a indústria do turismo enfrenta, pois a **padronização é parte integrante das economias de escala** que o turismo de alto volume exige. Os turistas passam grande parte do tempo nas "garras" do setor, em aviões, hotéis, autocarros e restaurantes, ou seja, na infraestrutura. Como a infraestrutura e a interface são aquilo que agrega valor e gera receita, há **uma pressão ainda maior para elaborá-los**, mesmo quando isso funciona contra a experiência de um encontro não mediado que o turismo promete [ou seja um encontro autêntico e directo com o destino e a sua cultura]. **A infraestrutura torna-se assim na atração e os hotéis tornam-se eventos em si mesmos**.

#### O Património produz o local para exportação

A indústria do património "exporta" o seu produto através do turismo. O turismo é uma indústria de exportação, uma das maiores do mundo. Ao contrário de outras indústrias de exportação, no entanto, o turismo não exporta bens para consumo em outros lugares. **Em vez disso, importa visitantes para consumir bens e serviços localmente**. Para competir por turistas, **um local deve tornar-se num destino, e o património é uma das formas pelas quais os locais o fazem**. O património é uma forma de produzir "hereness".

Excertos do texto de Kirshenblatt-Gimblett, Barbara, 1995. "Theorizing Heritage", *Ethnomusicology*, Vol. 39, No. 3. (Autumn, 1995), pp. 367-380. [Material para discussão em aula, não dispensa a leitura do texto completo]



still do filme *Palimpsest of the Africa Museum* | *Palimpseste du Musée d'Afrique* | Matthias De Groof | 2019 • BÉLGICA • 69'. Teaser: <<https://vimeo.com/135754162>>

## as nações enquanto comunidades políticas imaginadas

Benedict Anderson [1983 revisto em 2006]

O meu ponto de partida é que a nacionalidade, ou, como poderá ser preferível, dada a multiplicidade de significados desse termo, o factor nacional e o nacionalismo **são artefactos culturais de um tipo especial**. Para os compreendermos bem temos de analisar atentamente o seu aparecimento histórico, as alterações sofridas pelos seus significados ao longo do tempo e a razão por que, hoje em dia, possuem uma **legitimidade emocional tão profunda**. Tentarei argumentar que a criação destes artefactos em finais do século XVIII foi a destilação espontânea de um complexo "cruzamento" de forças históricas discretas, mas que, uma vez criados, se tornaram "modulares", passíveis de transplantação, com maior ou menor grau de consciência, para uma grande variedade de terrenos sociais, para integrarem e serem integrados numa série de constelações ideológicas e políticas igualmente variadas. Procurarei também demonstrar as razões por que estes artefactos culturais específicos provocaram uma **adesão tão profunda**. (...) Assim, num espírito antropológico proponho a seguinte definição da nação: é uma comunidade política imaginada - e que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana.

É *imaginada* porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão.

[nota TF: não se trata de considerar o nacionalismo como equivalente a "invenção" ou "fabricação" e "falsidade", mas antes de o considerar como resultado de processos de "imaginação" e "criação".]

Excerto do texto de Anderson, Benedict, 2003. *Imagined Communities: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa, Edições 70, pp.22-25.

## a invenção da tradição

Eric Hobsbawm & Terence Ranger [1993]

'Traditions' which appear or claim to be old are often **quite recent in origin and sometimes invented**. (...) The term 'invented tradition' is used in a broad, but not imprecise sense. It includes both "traditions" actually invented, **constructed and formally instituted** and those emerging in a less easily traceable manner within a brief and dateable period - a matter of a few years perhaps - and establishing themselves with great rapidity. 'Invented tradition' is taken to mean a set of practices, normally governed by overtly or tacitly accepted rules and of a ritual or symbolic nature, which seek to **inculcate certain values and norms of behaviour by repetition**, which automatically implies continuity with the past. In fact, where possible, **they normally attempt to establish continuity with a suitable historic past**. A striking example is the deliberate choice of a Gothic style for the nineteenth-century rebuilding of the British parliament, and the equally -deliberate decision after World War II to rebuild the parliamentary chamber on exactly the same basic plan as before. (...)

It is the **constant change and innovation of the modern world** and the attempt to structure at least some parts of social life within it as **unchanging and invariant**, that makes the 'invention of tradition' so interesting for historians of the past two centuries. Inventing traditions, it is assumed here, is essentially a process of formalisation and ritualisation, characterised by reference to the past, if only by **imposing repetition**.

Excerto do texto de Eric Hobsbawm & Terence Ranger, [1993] 2000, *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.1-4.

## UNESCO: Protecting Our Heritage and Fostering Creativity

In today's interconnected world, **culture's power to transform societies** is clear. Its **diverse manifestations** – from our cherished historic monuments and museums to traditional practices and contemporary art forms – **enrich our everyday lives** in countless ways. **Heritage constitutes a source of identity and cohesion for communities disrupted by bewildering change and economic instability.** **Creativity contributes to building open, inclusive and pluralistic societies.** **Both heritage and creativity lay the foundations for vibrant, innovative and prosperous knowledge societies.**

UNESCO is convinced that **no development can be sustainable without a strong culture component.** Indeed only a **human-centred approach to development** based on mutual respect and **open dialogue among cultures** can lead to lasting, inclusive and equitable results. Yet until recently, culture has been missing from the development equation.

To ensure that culture takes its rightful place in development strategies and processes, UNESCO has adopted a three-pronged approach: it spearheads worldwide advocacy for culture and development, while engaging with the international community to set clear policies and legal frameworks and working on the ground to support governments and local stakeholders to safeguard heritage, strengthen creative industries and encourage cultural pluralism.

UNESCO renowned **cultural conventions provide a unique global platform for international cooperation and establish a holistic cultural governance system based on human rights and shared values.** These international treaties endeavour to protect and safeguard the world's cultural and natural heritage including ancient archaeological sites, intangible and underwater heritage, museum collections, oral traditions and other forms of heritage, and to support creativity, innovation and the emergence of dynamic cultural sectors.

[do site oficial da UNESCO. Em <<https://en.unesco.org/themes/protecting-our-heritage-and-fostering-creativity>>, último acesso a 25/11/2020]

Ver também: definição de património pela Direcção-Geral do Património Cultural [em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/>>, último acesso a 25/11/2020]



still do filme *Palimpsest of the Africa Museum* | *Palimpseste du Musée d'Afrique* | Matthias De Groof | 2019 • BÉLGICA • 69'. Teaser: <<https://vimeo.com/135754162>>

## Património, turismo urbano e emoção [2020]<sup>2</sup>

Carlos Fortuna

No que respeita à relação do património com o turismo e a sociedade, devemos começar por enunciar uma premissa, hoje razoavelmente divulgada, segundo a qual **as ações de conservação e proteção do património não apresentam qualquer relação direta com a ideia que atribui aos seres humanos um inabalável desejo de conservar e manter as suas tradições e os seus modos de vida.** Transmitir as futuras gerações a tradição cultural é um imperioso desígnio político e cultural da humanidade, mas é preciso notar que **o argumento da conservação e proteção do património tem a sua própria autonomia institucional e não pode ser confundido com a manutenção de quaisquer tradições socioculturais das comunidades e das nações.** Há mesmo quem denuncie este excesso de **preservação patrimonialista**, em particular, **aquilo que é promovido pela moderna indústria do turismo que gera um efeito de paródia sobre as comunidades e as nações com o exagerado esforço de as fazer corresponder aos desígnios do turismo contemporâneo** (Silberman 1996).

### Património e tradição

Pensemos como é distinto **conservar o património e conservar a tradição cultural.** Em primeiro lugar, a diferença reside no facto de a **tradição, entendida como reprodução cultural de padrões comportamentais e modos de pensamento e ação,** aflorar a todo o momento **nas práticas sociais dos sujeitos,** mostrando uma vivacidade e um dinamismo que, por um lado, **a tornam atual, permanentemente renovada** quase **plástica** e, por outro lado, alimentam um sentido reconfortante de proximidade do passado coletivo. Ao invés deste sentido de proximidade do presente com o passado que a tradição tipifica, **a prática institucional da conservação do património exige uma distância histórica,** pela qual os objetos, os lugares e as práticas sociais **podem ser vistos como documentos de um passado mais ou menos longínquo.** A criação social desta distância temporal é essencial para se poder nomear e atribuir significado próprio ao património. Com efeito, **é nessa distância que reside o ato patrimonial e a capacidade de instituições** (86) **políticas definirem o que é ou não é património histórico legítimo.** Esse ato é um momento esclarecedor daquilo que deve ou não ser objeto de medidas de consagração e reconhecimento proteção/conservação e, assim, de consagração e reconhecimento social alargado.

**O ato patrimonial refere-se em regra à consagração de determinados objetos, lugares e práticas socioculturais que surgem (re)investidos de significado histórico,**

<sup>2</sup> Excertos selecionados para trabalho em aula. Não dispensa a leitura do capítulo completo. Citar sempre o original e não esta versão.

**mesmo se despojados de qualquer vinculação constitutiva do que é vida coletiva atual e, por igual, do que possam ter sido as suas significado cultural no passado.** Este processo, que numa outra ocasião chamei “destraditionalização da tradição” (Fortuna 1997a), implica reconhecer **a autonomização ontológica dos bens patrimonializados.** Por outras palavras, se não constituem elementos significativamente vinculados ao quotidiano atual elementos dos sujeitos, os objetos, lugares e práticas socioculturais patrimonializados passam a ser entendidos como finalidade em si mesmos. Podem, então, **por efeito da distância temporal que sustenta o seu reconhecimento enquanto património, surgir desligados da realidade imediata e do presente vivo, assim como dos usos sociais concretos que terão servido ou continuarão a servir.**

Torna-se deste modo clara a distinção dos aspetos culturais, materiais e simbólicos que constituem o que designamos por tradição. O mais trivial ato social, ou o uso descomprometido de alguns instrumentos e, de modo semelhante, o prosaico uso da linguagem, ou mais vulgares maneiras de proceder ou festejar, são elementos constitutivos da tradição e são, por isso, exercitados comumente, sem recurso a protocolos especiais, mentais ou práticos. **O seu uso corrente representa a mais elementar prática de manutenção da tradição, distanciando-se, portanto, da elaboração conceptual e da seleção que preside à definição formal do património.**

Isto não significa sustentar que a vida social pode seguir o seu decurso normal sem a presença do património. **As atuais estratégias patrimonialistas e de conservação procuram fundamentar a sua ação na salvaguarda exclusiva dos recursos materiais e culturais em risco de desaparecimento. Mas é sabido quão falaciosa é essa retórica.**

Os tempos de hoje são de **manifesta inflação patrimonial** e, enquanto tal, a **patrimonialização serve também os propósitos** (87) **imediatistas do mercado e do turismo globais e a sua promoção e salvaguarda dependem do risco de desaparecimento que enfrentam.** A **inflação patrimonialista** apresenta limites de eficácia, que tornam legítima a surpreendente interrogação iconoclasta de Henri-Pierre Jeudy sobre se o **excesso patrimonialista de hoje** não obrigará a pensar sobre que bens terão forçosamente de ser destruídos ou desclassificados um dia (Jeudy 2008, 108). (88)

(...)

Este é um domínio fantástico de reflexão. Desde logo porque a proposta de definição do valor patrimonial de Riegl deixa uma questão em aberto: **Qual é, na verdade, a verdadeira fonte do valor e do significado do património em geral?** A dificuldade principal da questão reside na identificação dos **agentes investidos de capacidade classificatória,** sendo que é vasto o leque de possibilidades, **dado tratar-se de um exercício a que se entregam numerosos atores sociais.** De um lado, a valoração do património pode ser vista como competência própria de **agentes especializados** - académicos, cientistas, técnicos - incluindo agentes diretamente ligados ao mercado da memória - empresários, jornalistas, ou operadores turísticos. De outro lado, a classificação e a atribuição de significado decorrem da **simples prática de visitantes e turistas que, enquanto recetores e consumidores diretos de património, não se inibem de outorgar livremente atributos e significados singulares a objetos, lugares e práticas da sua experiência turística.** De igual forma, a atribuição de significados pode ainda resultar do **investimento simbólico de significados por parte de cidadãos,**

associações e movimentos cívicos, políticos ou sociais, não necessariamente próximos dos lugares físicos e dos contextos culturais marcados pela presença dos bens em causa.

**A questão da atribuição de valor esta intimamente associada a uma outra variável, a saber, a própria natureza do património em causa. No caso de atos simbólicos e de celebração política do passado, por princípio, esse valor tende a ser atribuído em exclusivo a especialistas da história das nações. Já de determinada obra ou lugar, pode ocorrer que o seu valor seja “consensualizado” em atos informais de negociação ou confronto entre especialistas e públicos. Assim sucede, por exemplo, com diversas situações de reconhecimento de valor patrimonial local ou concelhio, que respeitam a iniciativas e modalidades específicas de envolvimento da comunidade local. (89)**

(...)

**O entendimento do que é efetivamente o património torna-se, assim, um inegável exercício de prática democrática em busca de um consenso político significativo.** Por isso, até os consagrados valores abstratos atribuídos habitualmente ao património histórico por exemplo, antiguidade, autenticidade, raridade ou beleza podem ver o seu sentido alterado quando o carácter emocional, social ou político dos recetores se vem adicionar aos critérios mais pragmáticos de especialistas. (91)

(...)

**A relação do património com o passado** surge hoje diretamente envolvida na discussão sobre **o lugar da memória e da nostalgia na sociedade contemporânea**. Vivemos seduzidos e verdadeiramente **cercados pela memória coletiva, a sua objetivação e a sua narrativa** (Huyssen 2003), em contraste manifesto com **o que foi o sentimento generalizado de progresso futurista dos inícios do século XX** (Boym 2001). A relação desta «epidemia global da nostalgia» (expressão de Svetlana Boym) com a **atividade turística** deixa transparecer a grande centralidade que a dimensão histórica e cultural do passado assume nas mais diversas modalidades do turismo moderno. Muitas cidades turísticas contemporâneas devem precisamente à valorização nostálgica do seu passado a relevância que ostentam enquanto lugares de atração de visitantes num mercado internacional de intensa competitividade (Sturken 2007). (95)

(...)

O que resulta das considerações acerca da sedução/emoção gerada pelos monumentos e sua relação com a memória, quer se trate do *dark tourism*, ou da visita *turística* à pobreza, é **a necessidade de se reconhecer a função do património cultural como território de uma continuada negociação desigual e de um encontro que forja falsos consensos entre marcas e significados disputados da história**. A emoção, como se deixa assinalado, é certamente um dos lados dessa negociação desigual entre capacidades assimétricas.

**Viver num mundo de evidentes incertezas políticas e classificatórias é enfrentar a manifesta dificuldade da definição do que e ou não o património. Só em democracia se torna possível encontrar os termos de um consenso sobre conceitos e agentes envolvidos na classificação, a um tempo técnica e popular, do que constitui património e qual o sentido dissidente do seu significado político.** Por um lado, faltam

consensos entre especialistas, mas certamente também não existem entendimentos entre estes e o público que pode usufruir da proteção e valorização deste património. (103)

(...)

**A conclusão mostra que o património é sempre uma seleção e uma escolha. O seu significado e um valor atribuído em negociação sociocultural. Portanto, resulta de uma ação de reflexividade social que pode ter uma expressão técnica ou mediata.**

Na sua expressão técnica, a valorização é fruto do juízo de especialistas e procede dos cânones académicos, técnicos e científicos. Na expressão mediata da reflexividade, enquanto perdem influencia as considerações técnico-científicas, difundem-se os juízos resultantes das **visões sociais mais populares e espontâneas, mas nem por isso menos legítimas.** (104)

Numa sociedade democrática e plural, **o que é considerado património depende da presença de sujeitos sociais de origens e orientações políticas e ideológicas diversas e da posição que ocupem na estrutura social. Mas depende também da capacidade generalizada e da abertura plural para reconhecer e valorizar os bens culturais dos outros. Sejam eles os outros grupos, os outros tempos sociais ou os outros lugares que forçosamente repartem entre si a sua existência no mundo conturbado da cultura contemporânea.** (105)

Excertos do texto de FORTUNA, C., 2020. “Património, turismo urbano e emoção”, *Cidades e Urbanidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp.85-106.

## Património com futuro e resiliência nas cidades [2020]

Carlos Fortuna

[Sobre a dificuldade em identificar **um património do futuro** das comunidades] (...) qual será a riqueza material, artística ou cultural que **queremos legar ao futuro que virá? A dificuldade da resposta resulta de vivermos inundados de presente e de um tempo vivido instantaneamente.** Enunciar o património do futuro, portanto, depende do inconclusivo enunciado do que há-de ser a estrutura das necessidades e expectativas culturais desse mesmo futuro. Tarefa ingrata para quem, não tendo os dotes dos artistas ou dos profetas de outrora, **deve limitar ao máximo a presunção de enunciar o sentido futurante do património e cingir-se, comedidamente, a procurar decifrar sinais da estrutura das necessidades e expectativas culturais de um presente que o condiciona.**

**Pode-se dizer que a noção de património tem uma natureza fundamentalmente presentista, na medida em que responde primordialmente a necessidades políticas e culturais contemporâneas e respeita mais o entendimento do que é o presente coletivo do que o passado das comunidades e grupos sociais.** Procurarei ilustrar esta hipótese recorrendo a exemplos de alguns usos sociais de bens patrimoniais que integram a paisagem urbana da atualidade [Templo de Diana, Évora, PT; Coliseu e Teatro Trajano em Roma; Auschwitz, Polónia; Muro de Berlim, Alemanha]. Desta paisagem fazem parte situações patrimoniais a que poderemos chamar **patrimónios inesperados**, por a sua valorização ser fruto da mistura desordenada de regimes temporais que, por sua vez, decorre do fim da linearidade do tempo (passado, presente, futuro).

Numa sociedade em que tudo parece valer por igual - a cultura, a política, a religião, a escola ou o consumo -, o reconhecimento de muitos destes *patrimónios inesperados*, que incluem situações de *non-sense*, absuridade e risco, está associado à subordinação de emoções e sentimentos a desígnios de mercado e à promessa pós-moderna de sempre renovada satisfação pessoal. Mas **algumas iniciativas sociais, com frequência informais, «de baixo para cima» (108) e à margem dos apoios institucionais, podem também constituir patrimónios inesperados por prometerem ao futuro coletivo a revalorização da vivência sociocultural de bairros, praças, ruas ou edifícios. (109)**

(...)

### Passado e presentismo do património

A **pluritemporalidade**, por vezes desconexa, **das cidades** faz interrogar sobre como se articulam as permanências e as mudanças culturais. Por exemplo, a ambiguidade da noção de «centro histórico» está associada diretamente à **difícil delimitação dos tempos históricos que se sobrepõem numa área urbana determinada.** Daí que as ações de **reabilitação arquitectónica ou artística dos «centros históricos» surjam carregadas de ambiguidade**, já que se procuram conservar de modo a modernizar a cidade de forma especial, ou seja, de modo a que esta continue a ser antiga e capaz de incorporar o passado enquanto ingrediente do seu futuro.

Esta plasticidade do presente, inerente à falência da linearidade do tempo, alimenta um processo de *contemporaneização* do passado que tanto surge no domínio das artes (o



still do filme *Palimpsest of the Africa Museum* | *Palimpseste du Musée d'Afrique* | Matthias De Groof | 2019 • BÉLGICA • 69'. Teaser: <<https://vimeo.com/135754162>>

espírito gótico), como no campo do consumo cultural (moda *retro*) ou da ação de conservação patrimonial. Na minha avaliação, é tal o sucesso desta *contemporaneização* que permite declarar sem rodeios que **o passado vende**. E vende provavelmente mais em **períodos de retração económica, quando tanto se desconfia do futuro**. Provam-no os repetidos planos municipais ou empresariais privados que se projetam no futuro com um fortíssimo pendor histórico e mnemónico que os assemelha a replicas nostálgicas (...). Se esta for uma estratégia para preparar o futuro das cidades, dos seus lugares e tradições, a pergunta incontornável será a de saber até quando continuará o passado a vender com tanto sucesso. (110)

#### **As ruínas e a resiliência da cidade**

[os sujeitos modernos são os principais responsáveis pela atribuição de valor e significado aos bens e recursos do passado que vão sendo assim **sucessivamente ressignificados**]

Os **usos sociais desses bens patrimoniais são os mais diversos**, e a **reconfiguração avaliativa do seu significado traduz-se na resiliência patrimonial e funcional das cidades** que hoje não morrem tão facilmente como no passado longínquo.

Esta **resiliência da cidade** é, portanto, o outro lado da conservação e adaptação dos próprios edifícios e construções. Neste domínio, são numerosas as circunstâncias em que se torna claro o modo como o valor atual dos artefactos do passado depende das modalidades de variação das culturas e, portanto, como **o significado e os usos do património variam de um período cultural para outro**. Um bom exemplo do que sucede no mundo ocidental diz respeito ao Coliseu de Roma, que é por certo o caso mais célebre de uma ruína urbana com sucessivos usos sociais. (...) (111) [Ver ainda o exemplo explorado no texto do Tempo de Diana, Évora, Portugal].

(...)

Como no caso do Coliseu, o Templo de Évora e refém também da narrativa que o promove e vende com sucesso no mercado da nostalgia e do património. O sentido *presentista* do património histórico que ambas as construções ilustram, e o turismo promove, inscreve-se na lógica de legitimação de Alois Riegl que faz depender o significado moderno dos monumentos históricos do interesse de grupos organizados de interesses.

Parece óbvio que **deste possível choque de interesses e sentidos do passado** resulte também **uma disputa sobre o valor e o significado da identidade dos lugares**. **As identidades podem hoje ser visualizadas de forma multifacetada e, em consequência, são múltiplas, coexistem ou conflituam as narrativas de pertença humana a esses lugares**. Como mostrou Edward Said no seu *Orientalismo*, o facto de o conceito de identidade conter em si a noção de um (112) "outro", não apenas pluraliza o passado histórico, mas também **o torna objeto com sentido disputados no presente** (Said 2004).

O reconhecimento social do "outro" é essencial para o estabelecimento dos traços da identidade própria dos grupos e abre campo à possibilidade de desconfiança, distanciamento ou mesmo exclusão de grupos e patrimónios assim definidos.

**As cidades e grande parte dos seus lugares antigos são territórios onde estas marcas do passado plural permanecem sensíveis e (113) os seus significados se mostram discutíveis. Em muitas das territorialidades históricas urbanas disputam-se**

**mecanismos de poder e marcas de passados de sentido plural**. Tal alimenta a interrogação sobre a existência de uma forma alternativa de pensar como poderão estes vestígios do passado urbano tornar-se patrimónios do futuro das cidades. **Quero admitir que esta alternativa existe, por muito utópica que pareça a tentativa de articular o passado e o futuro locais numa renovada noção de cidadania situada, no sentido do enriquecimento da vida urbana através da incorporação daqueles vestígios no seu quotidiano.** (114)

(...)

#### **Património e contramonumentalidade**

**Ao contrário da monumentalidade tradicional que cultiva um sentido glorificador de um acontecimento, uma personalidade ou uma ideologia, a «antimonumentalidade», pode-se concluir, celebra o lado mais comum e mesmo popular da vida quotidiana das comunidades, ao mesmo tempo que cultiva um sentido de proximidade com acontecimentos e personalidades locais mais salientes, oposto à estrutura hierárquica de valores que a solenidade monumental procura instituir.**

**Confesso a minha simpatia por alguns destes traços da «antimonumentalidade», designadamente a crítica que dirige à eternidade da comemoração memorial.** Interrogo, por exemplo, porque hão-de as ruas e as praças das nossas cidades ser lugar de celebração eternizada de determinadas personalidades ou acontecimentos? O tributo que é concedido eternamente impede a marca pública no espaço urbano e o reconhecimento de «acontecimentos» da contemporaneidade, ou de destacados génios do quotidiano, ou de personalidades exemplares da vida coletiva mais recente. **O seu (126) nome e a sua memória são reféns da lógica da eternidade toponímica e hão-de ficar longamente ausentes do registo público da cidade, enquanto ali permanecerem os nomes de personalidades de antanho, salvo evidentemente em situações de profunda reforma política capaz de reconhecer outros símbolos coletivos.** Em tempos do reconhecimento democrático dos patrimónios e dos seus significados, podemos sugerir que, digamos, **uns 50 anos seriam um período de tempo razoável para assinalar e fazer durar esse tributo público.** Findo esse prazo, a comunidade local e os seus representantes deverão ser convocados a decidir da continuidade ou da substituição daquelas memórias. **A memória coletiva e a sua celebração, tal como a monumentalidade urbana, são matéria deveras importante da vida urbana para escaparem ao diálogo com a democracia e a finitude digna das coisas e dos humanos.**

Excertos do texto de FORTUNA, C., 2020. "Património com futuro e resiliência nas cidades", *Cidades e Urbanidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp.107-129.



“Padrão dos Descobrimentos” | Kiluanji Kia Henda | 2007

## Ficha técnica fonte das imagens

**Palimpseste du Musée d'Afrique. Fragments d'une décolonisation** (2019) documents the facelift of the Royal Museum of Central Africa (RMCA) through different perspectives. The documentary shows the insanity of its renovations and shows what it puts at stake: decolonization. What obscures its total decolonization? The COMRAF - Concertation Committee of the Royal Museum of Central Africa with African Associations- and the 6 members of its “permanent” monitoring committee echo the diaspora.

Original Title :	Palimpsest of the Africa Museum
French Title:	Palimpseste du Musée d'Afrique
Genre :	Documentary
Length:	1h09m21s
Format:	Color (+B/W) - Stereo
Languages:	French (+ Dutch)
Subtitles:	French, Dutch, English
Production :	Cobra Films, Daniel De Valck
Co-production:	Atelier Graphoui
Accomplished by:	15/05/2019
A film by:	Matthias De Groof (in collaboration with Mona Mpebele)
Text & Voice:	Jean Bofane
Image :	Matthias De Groof
Sound :	Pol Van Laer
Additional Photography:	Hadewych Cocquyt (BSC) and Sam Vanmaekelbergh
Editing :	Sebastien Demeffe
Original Music :	Ernst Reijseger
With the support of :	VAF (Vlaams Audiovisueel Fonds)